

## DAS MARGENS À SUBMERSÃO: ASPECTOS EDUCACIONAIS DE NOVA IORQUE - MA (1938-1968)

**João Antonio de Sousa Lira**

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão

Professor da Rede Municipal de Ensino de Nova Iorque - MA

Contato: [joao.lira.antonio@hotmail.com](mailto:joao.lira.antonio@hotmail.com)

### **Resumo:**

Elegeu-se como objetivo desse texto identificar os aspectos educacionais na cidade de Nova Iorque-MA no período de 1938 a 1968 fundamentado nos preceitos epistemológicos da história cultural por possibilitar a inserção de novos sujeitos, objetos e fontes no fazer historiográfico. Utilizou-se como aporte teórico Chartier (1990), Certeau (2011), Faria Filho (2007) dentre outros. Utilizou-se a pesquisa documental articulada ao método da história oral para apreender os aspectos educacionais traduzindo-os em uma escrita. A este respeito constatou-se que a população da cidade de Nova Iorque se configurava predominantemente rural, logo a maioria das escolas mapeadas se localizavam na zona rural, bem como evidenciou-se que a escolarização dos indivíduos a princípio não se fazia necessário, uma vez que o processo de socialização independia do modelo escolar de socialização, no entanto, tal realidade começou a ser modificado por volta da década de 1940 onde há o desejo de continuação dos estudos por parte dos moradores da cidade para elevação de status social.

**Palavras-chave:** História da Educação; Nova Iorque - MA; Aspectos educacionais.

## FROM MARGINS TO SUBMERGENCE: EDUCATIONAL ASPECTS OF NOVA IORQUE - MA (1938-1968)

### **Abstract:**

The objective of this text is to identify the educational aspects in the city of Nova Iorque- MA in the period from 1938 to 1968, based on the epistemological precepts of cultural history, as it allows the insertion of new subjects, objects and sources in the historiographical work. Chartier (1990), Certeau (2011), Faria Filho (2007) among others, have been used as theoretical support. Documentary research articulated with the oral history method was used to apprehend educational aspects, translating them into writing. In this regard, it was found that the population of Nova Iorque City was predominantly rural, so most of the schools

mapped were located in rural areas, as well as evidence that the schooling of individuals was not necessary at first, since that the process of socialization was independent of the school model of socialization. However, this reality begins to be modified around the 1940s, when there is a desire for continuation of studies by the residents of the city, to raise their social status.

**Keywords:** History of Education; Nova Iorque-MA; Educational aspects.

## Introdução

Este texto é um recorte da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão- UFMA, onde debrucei-me sobre as sinuosidades das relações cotidianas dos indivíduos que ocupavam o espaço da cidade de Nova Iorque-MA no período de 1938 a 1968, e como a educação escolar fez parte dos múltiplos processos sociais, inclusive imprimindo novas formas de socialização. A saber, a escolha do recorte temporal deveu-se a partir das fontes analisadas no estudo, tendo o ano de 1938, marco inicial do recorte temporal, a elevação de Nova Iorque à categoria de cidade através do Decreto-lei n.º 45, de 29 de março em observância à Lei nacional nº 311, do dia 2 do mesmo mês do ano em questão, e como marco final o ano de 1968 quando a cidade saiu das margens do Rio Parnaíba para as profundezas do mesmo devido a inauguração da Usina Hidroelétrica de Boa Esperança (UHB)<sup>1</sup>, surgindo assim a analogia título do texto “das margens à submersão”<sup>2</sup>.

Partindo do exposto, elegeu-se como objetivo desse texto identificar os aspectos educacionais na cidade de Nova Iorque-MA durante o período supracitado, fundamentado nos preceitos epistemológicos da história cultural - forma de abordagem dos fenômenos sociais e históricos que decorre do movimento denominado “nova escola” (Burke, 1992, p. 10), que caracteriza-se por uma mudança de perspectiva quanto ao relevo da política no estudo da História em comparação com as demais formas de manifestação cultural, tais como educação, saúde, sexo, família, dentre outros.

---

<sup>1</sup> O projeto da construção da UHB faz parte do plano de Governo do Juscelino Kubitschek, tendo início a construção no final da década de 1950, e consta no plano I Plano Diretor da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste para elevar o índice de consumo de energia elétrica na região que era extremamente baixa (BRASIL, 1966).

<sup>2</sup> No ano de 1968 a cidade de Nova Iorque foi desapropriada pelos moradores a partir de imposição do Governo Federal, no entanto outra cidade foi erguida no meio do sertão maranhense sob responsabilidade da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e da Companhia Hidrelétrica de Boa Esperança(COHEBE) para realocar os moradores.

Nessa perspectiva, surge a possibilidade de construção de novas fontes que outrora não seriam consideradas como tal, a título de exemplo, os bancos de praça, as bolas de canhão as paredes das igrejas ou os discursos dos sujeitos que foram marginalizados pela história tradicional. Tais discursos, dantes esquecidos pela historiografia hegemônica, apenas recentemente têm ganhado voz e, por meio de documentação e catalogação sistemática, a cada dia, se tornam mais acessíveis na qualidade de fontes históricas. Deste modo, há uma construção simbiótica da História Cultural e História da Educação, já que produz uma perspectiva própria nos sujeitos ao manifestarem suas memórias, e a partir delas, as práticas (que são geradoras de condutas) e representações - que diz respeito a forma que se percebe a realidade através das percepções e das classificações que fazemos (Chartier, 1990).

### **Percurso metodológico**

O fazer historiográfico perpassa por uma elaboração teórica que está entrelaçada a um lugar social, uma prática e uma escrita (Certeau, 2011). Neste sentido, Certeau (2011, p. 45) problematiza o ofício do historiador na contemporaneidade “O que *fabrica* o historiador quando “faz história”? Para quem trabalha? Que produz?”. Para ele, a evocação do passado, a relação da morte com o presente é função desta operação que se faz através de um processo mediado por atividades técnicas. Desse modo, utilizou-se a pesquisa documental articulada ao método da história oral para apreender o objeto investigado em questão traduzindo-o em uma escrita.

Nesse sentido, Marc Bloch (2001), compara o trabalho do historiador ao ogro da lenda, que fareja a carne humana porque sabe que ali está sua caça. O pesquisador, nesse sentido, fareja pela documentação em busca daquilo que o interessa para a pesquisa e partimos do entendimento da ampliação do conceito de fontes histórica postulado por Le Goff, pois

[...] escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante um pólen de fósil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a história nova documentos de primeira ordem (Le Goff, 2001, p. 28).

A título de exemplo, Alberti (2000, p. 2) enfoca que “registros sonoros (músicas, jingles, gravações radiofônicas), ou ainda fotografias, caricaturas, desenhos, filmes, monumentos, obras de arte e de arquitetura, são passíveis, hoje em dia, de se tornar fontes para o estudo do

passado”, pois qualquer instrumento pode se tornar uma fonte em pesquisa histórica, tudo dependerá do olhar que o pesquisador vai dar as suas fontes e seus detritos, fragmentos e ruínas para gerar sentidos a fim de interpretar o passado.

Desta forma, Nunes e Carvalho (2005) apontam para a necessidade de discutir a questão das fontes na pesquisa em história da educação, primeiro porque é delas que dependem as investigações “não apenas das questões formuladas dentro de certas matrizes teóricas” (Nunes; Carvalho, 2005, p. 29), como também são os materiais com os quais podemos contar. No processo de recolher fontes as autoras supracitadas enfatizam que as dificuldades existem e podem ser lacunares, residuais e parcelares; ao mesmo tempo que prezam a importância de respeitar o campo da empiria, bem como fazer o manuseio crítico das fontes para ter um novo olhar sobre a pedagogia e a educação.

A esse respeito, elegeram-se como fontes documentais anuários estatísticos de 1938 e 1956 – não se encontrou anuários estatísticos dos demais anos – e Relatórios de Atividades sobre ações desenvolvidas pela COHEBE<sup>3</sup> (Companhia Hidroelétrica de Boa Esperança) durante a construção da Usina Hidroelétrica Boa Esperança em Nova Iorque.

A análise destes documentos nos ajudou a compor elementos educacionais que se configuravam no locus da pesquisa, como quantidade e formação dos professores, dimensões arquitetônicas da escola e frequência escolar de alunos, uma vez que a COHEBE realizou levantamentos das condições socioculturais do município como etapa do processo de desapropriação territorial dos moradores da cidade.

Por outro lado, utilizou-se a História Oral (Meihy, 2011) enquanto método de pesquisa, no sentido de compreender como fontes orais oriundas dos inquéritos do método da história oral, com dois sujeitos da pesquisa, os quais, por questões éticas utilizaremos nomes fictícios. Destaco aqui que cada uma será apresentada no decorrer do texto. Dito isso, é importante mencionar que as entrevistas se tornaram tema central nesse estudo.

### **Aspectos educacionais em Nova Iorque-MA (1938-1968): o que nos relevam as fontes?**

---

<sup>3</sup> A obtenção dos relatórios deveu-se a partir da solicitação da Lei nº 12.527/2011 de acesso à informação através do Sistema Eletrônico do Serviço de Informação ao Cidadão (e-SIC).

Os aspectos educacionais levantados a partir das fontes utilizadas dizem respeito à configuração da educação em Nova Iorque como escolas, matrículas e professores. No entanto, esse quadro não se apresentava de forma desarticulado do social e cultural inerente a cidade, pois foi neste local que essas relações foram estabelecidas. Assim, “cidade não é apenas a materialidade da natureza artificial produzida pelo homem, mas também a imaterialidade construída pelas ações de quem nela vive” (Pinheiro, 2013, p. 20).

Neste sentido, a imaterialidade, pode ser entendida como o conjunto de características resultante de ações humanas que diz respeito a forma de agir, pensar e estar no mundo, condicionada as formas simbólicas de organização de uma dada sociedade através da língua, crenças, costumes, tradições e conseqüentemente de rupturas quando adquirem um novo valor existencial. Assim, iniciaremos apresentando alguns dados populacionais da cidade para posteriormente fazermos correlações em relação a educação e a sua representação neste local dos acontecimentos e de práticas que é a cidade. Entretanto, devido à não periodicidade na publicação de anuários estatísticos no estado do Maranhão pelo IBGE, deteremos-nos aos dados de 1937, 1940 e 1950 e completaremos essa lacuna com dados de 1960 publicado pela COHEBE.

**Tabela 01:** População presente no município de Nova Iorque nas décadas de 1940 e 1950.

Ano	Quadro urbano	Quadro suburbano	Quadro rural	Total
1937	-----	-----	-----	6.159
1940	517	586	4.441	5.544
1950	720	389	4.543	5.652
1960	797	-----	3.549	4.346

Fonte: Anuário Estatístico do Maranhão (1956); COHEBE (1968).

Em 1937, a sinopse estatística (IBGE,1956) não trazia o detalhamento de onde os moradores recenseado residiam, se no quadro urbano, suburbano ou rural, diferente dos dados de 1940 e 1950. Nesse sentido, em relação aos dados referentes a década de 1940, no que diz respeito ao quadro urbano, trata-se de habitantes residentes em áreas centrais da cidade; já o quadro suburbano, diz respeito aos habitantes residentes em áreas mais distante do centro, ou seja, os subúrbios, este lugar é visto em contraposição ao centro, pois enquanto este é entendido como local de desenvolvimento, o segundo é visto como espaço de atraso; nessa direção o quadro rural diz respeito aos habitantes residentes em comunidades afastadas do centro

administrativo da cidade e também é entendido conforme a etimologia da palavra, de acordo com o dicionário Aurélio, como local do rude, do rústico e do campestre (Ferreira Aurélio, 2004). Portanto, o centro da cidade, o subúrbio e as comunidades ou distritos rurais são representados como espaços antagônicos no que diz respeito, por exemplo, ao acesso de serviços públicos como educação e saúde, perfil de moradores e atividades rentáveis desenvolvidas. Por outro lado, o documento elaborado pela COHEBE (1968) não utiliza a divisão posta pelo IBGE na subdivisão dos habitantes suburbanos, assentando todos na categoria do quadro urbano.

Desta forma, diante os dados apresentados, percebe-se diminuição do contingente populacional, em Nova Iorque, registrado em 1937 para o ano de 1940, e de 1940 para o 1950 um aumento da população, ou seja, o número total de habitantes da cidade de Nova Iorque em dez anos passou de 5.544 para 5.652, um acréscimo 108 habitantes, correspondendo um percentual de 19.8%. Em relação ao quadro urbano, em 1940 tinha uma população de 517 e adveio a 720 em 1950, correspondendo um acréscimo de 203 habitantes, percentual de 39.2%. No quadro suburbano registra-se uma população em 1940 de 536 habitantes, e em 1950 de 389 habitantes, nota-se uma diminuição de 147 habitantes o que indica um percentual de 27.4%. No quadro rural, nota-se uma população de 4.441 no ano de 1940 e no ano 1950 uma população de 4.543, um aumento de 1.102 habitantes o que corresponde a 24.8%. A partir desta análise percebemos que a maior parte da população de Nova Iorque encontrava-se no quadro rural e inferimos que houve uma migração do quadro suburbano para o quadro urbano devido ao aumento da população urbana e a diminuição da população suburbana. Em 1960, nota-se uma população urbana de 797 habitantes e população rural de 3.549 habitantes, tendo um total de 4.346 habitantes. Esses dados revelam que do ano de 1950 a 1960 houve um decréscimo de quase 25% da população.

Constata-se, contudo, que de 1937 a 1960 a população rural em Nova Iorque era maior que a urbana, a este respeito, segundo dados do IBGE (1996), na década de 1950 no Brasil, 63,8% da população residia no campo, o que correspondia cerca de 38.291.775 de pessoas, nesse sentido a distribuição populacional na cidade estava de acordo com a distribuição espacial da época. Por outro lado, o contingente populacional total veio diminuindo progressivamente nesse período, por um lado, pode-se atribuir essa queda ao início da circulação da notícia de construção hidroelétrica de Boa Esperança onde possivelmente os moradores migraram para outros locais, e por outro se deva ao êxodo rural, onde a população do interior do nordeste se

direcionou para os grandes centros metropolitanos em busca de uma melhor qualidade de vida, assim,

Dos 11 milhões de migrantes rurais brasileiros dos anos 50, quase metade (46,3%) vinha do Nordeste. Isto não é surpresa pois a década é conhecida como o período de maior migração *inter-regional*: a construção da estrada Belém-Brasília, da nova capital federal, as grandes migrações para as áreas metropolitanas e mesmo as migrações para o trabalho na colheita de café em São Paulo e no norte do Paraná, além de grandes secas no Nordeste brasileiro, estão entre as principais explicações do fenômeno. O contingente populacional que deixou as áreas rurais nordestinas correspondeu a pouco menos de 1/3 (30,6%) da população que vivia no Nordeste no início da década (Camarano; Abramovay, 1999, p. 13).

Destarte, em relação à movimentação escolar em Nova Iorque, não foi possível verificar a abrangência do período 1938 a 1968 devido ter-se constado até o momento lacunas documentais no que se refere a essas informações, porém pudemos averiguar os dados da década de 1950 para fazermos o balanço analítico.

**Tabela 02:** Movimento escolar em Nova Iorque no período de 1952 a 1956.

Ano	U. Escolares	docentes	Matrículas	Frequência	Aprovação	Conclusão
1952	15	21	581	389	232	52
1953	14	20	540	369	157	31
1954	17	22	582	406	231	24
1955	21	27	688	497	286	55
1956	14	20	488	345	245	41

Fonte: Anuário Estatístico do Maranhão, 1956.

Observa-se que em 1952 no Município de Nova Iorque existia 15 escolas, 21 docentes e matrícula total de 581, no entanto apenas 389 dos matriculados frequentavam efetivamente as instituições escolares, destes 232 foram aprovados e 52 concluíram o ensino primário. Já em 1953 nota-se a existência de 14 unidades escolares, 20 professores, matrícula total de 540 com frequência efetiva de 369, aprovação de 157 com conclusão de 31 alunos. Em comparação ao ano anterior se ver decréscimo em relação a quantidade de escolas, docentes, matrícula, aprovação e conclusão.

Em 1954, nota-se a existência de 17 instituições escolares, 22 docentes, matrícula total de 582 alunos com frequência efetiva de 406, aprovação de 231 e conclusão de 24 alunos. Já em 1955, havia 21 unidades escolares, 27 docentes, matrículas de 688 alunos, frequência de 497, aprovação de 288 e conclusão de 55; ver-se que foi o ano com maior movimentação escolar em todos os quesitos. No ano de 1956, possuía 14 escolas, 20 docentes, matrícula de 488, frequência de 345 com aprovação de 245 e conclusão de 41 alunos no ensino primário.

Em quadro geral, existia a variação de número de escolas possivelmente por tratar-se de escolas isoladas e com isso existindo salas de aulas avulsas em localidades da zona rural e urbana. Em relação a matrícula de crianças em idade escolar de 7 a 14 anos corresponde a aproximadamente 12% da população (MARANHÃO, 1956), indo ao encontro da afirmativa de Motta e Machado(2006) quando abalizam que a maior parte de alunos nesta faixa etária, no Maranhão nesse período, encontravam-se fora da escola, assim constata-se uma movimentação escolar variante com alto índice de evasão comparando o número de matrículas com o de frequência, a este respeito considera-se que “alunos deixaram de frequentar a escola depois de matriculado devido à deficiência de recursos dos pais ou mesmo mudança de residência das famílias para outro local” (COHEBE, 1964, p. 11), como evidenciou-se nos dados populacionais discutidos anteriormente.

Neste sentido, Girassol<sup>4</sup> evidencia esse período na educação de Nova Iorque e acrescenta ainda que os pais não incentivavam os filhos a irem à escola, como também a inexistência de interesse de algumas crianças a frequentarem estes locais, como se ver a seguir.

Eu num era assim incentivada, assim a ir pra escola que devido a condição de minha mãe que num podia me dar, me dar nada... que hoje em dia as mães incentiva os filho ir pra escola. Eu num era incentivada, assim a ir pra escola ... nem muitos... Ai eu acho que o interesse dos fios, num tinha também (GIRASSOL, Moradora Entrevistada, 2019)

Portanto, figurava-se no imaginário urbano, ou seja, “as representações que se incidem sobre os espaços, atores e práticas” (Pesavento, p. 36, 2012) que tal motivo, dava-se devido à população do município ter como fonte de subsistência a lavoura, através do cultivo de legumes como mandioca brava, feijão, cana de açúcar, algodão, dentre outras; e as crianças em idade escolar encontravam-se como auxiliares dos pais neste processo de cultivo, colheita e ensacamento dos produtos para vendas e consumo por eles; bem como na produção pecuária por meio da criação de carneiro, ovelhas, cabras, porcos e bois o que explicaria o baixo índice de aprovação e conclusão do ensino primário. Corroborando com esta perspectiva o Informativo Geral do Município de Nova Iorque<sup>5</sup> assinala que:

muitas crianças só começaram a frequentar a escola após os 12 anos em virtude de falta de interesse ou de recursos financeiros dos pais, da falta de entusiasmo da própria criança e deficiência do ensino (COHEBE, 1964, p. 11).

<sup>4</sup> Nascida em de Nova Iorque (submersa) em 1939, cursou o ensino primário na cidade, descendente de origem negra, foi quebradeira de coco e artesã de chapéu de palha de carnaúba. Dados da entrevista concedida para a realização da dissertação por meio da entrevista temática, em que o entrevistado tem o envolvimento e a experiência em acontecimentos ou conjunturas específicas em um determinado período (Alberti, 2013).

<sup>5</sup> Documento Elaborado Pela Companhia Hidroelétrica de Boa Esperança.

Desta forma, a educação escolar da década de 1930 a meados de 1950 não configurava como uma necessidade básica para os moradores, pois no cotidiano da cidade saber ler e escrever não era condição necessária para a socialização dos indivíduos, tanto que a maior parte das profissões à época na cidade não precisavam de uma aprendizagem escolar, pois 59% da população da cidade estava envolvida nas atividades já mencionadas anteriormente e 16%<sup>6</sup> em atividades domésticas não remuneradas como artesã, dona de casa, alfaiate, dentre outras (CHESF, 1964); desde modo, possivelmente a taxa de analfabetismo era muito grande entre a população acima dos 15 anos.

Nessa direção os esforços do Governo Federal e Estadual pareciam não surtir efeitos no que diz respeito à difusão de estratégias para elevar os índices de alfabetização da população, muito embora tinha-se a representação de que a educação seria o instrumento pelo qual o desenvolvimento do país far-se-ia possível, como também as ações desenvolvidas se caracterizavam pontuais e não abrangiam a dimensão territorial do estado. Assim, a estrutura social como condicionante neste processo influenciaria a visão dos sujeitos e a forma de portar-se diante essa realidade.

Nesta direção, a ascensão social em Nova Iorque se dava mediante a elevação do padrão econômico, casamento com pessoas de status elevado e pelo grau de instrução, logo o domínio da leitura e da escrita funcionava como um símbolo de erudição, um traço que caracterizava famílias de maior renda ou prestígio político, uma vez que ao término do ensino primário havia a possibilidade de continuarem os estudos em outras cidades da região, pois

dos alunos que concluem a escola primária, são muito poucos os que podem continuar os estudos em outros centros, tais como: São João dos Patos, Florianópolis, Teresina ou São Luís, permanecendo a grande maioria inativa por falta de condições para prosseguir. É lamentável que isso ocorra, pois é grande o interesse de prosseguir os estudos de muitos e a possibilidade de aproveitamento desses elementos (COHEBE, 1964, p. 12).

Tal episódio é evidenciado na narrativa de Bromélia<sup>7</sup> quando afirma que “estudo lá era muito pouco, eu estudei só o primário só, porque não tinha mais para onde” (BROMÉLIA, Moradora Entrevistada, 2019), portanto se ver o desejo de Bromélia em prosseguir seus estudos, mas as condições sociais não lhe era favorável por pertencer a um extrato social com menor poder aquisitivo. Entretanto, muitas promessas surgiam para prosseguir os estudos em

<sup>6</sup> Fonte: Informações gerais sobre o município de Nova Iorque - COHEBE, 1964.

<sup>7</sup> Nascida em Nova Iorque (submersa) em 1939 onde cursou o ensino primário sendo posteriormente professora na Escola Municipal Senador Neiva até 1967.

outras localidades, além das já citadas, pretextos para exercerem trabalhos como os de babás, empregadas dentre outras. Tal fato é evidenciado na narrativa de Girassol, quando uma senhora, segundo ela,

veio pedir a mamãe para me dá pra ela, pra ir trabalhar e estudar A mamãe disse que não dava não, eu já tava grande...fiquei quieta, mas com vontade de ir. Era em Teresina. Acontecia era muito do povo vir pedir os fii dos outros pra levar pra trabalhar na casa e ser babá dos fiios dele e estudar (GIRASSOL, moradora entrevistada, 2019).

Girassol, foi então morar com essa senhora em Teresina-PI, mas não pôde concluir o processo de escolarização. Em Nova Iorque, até o ano 1968 havia apenas o ensino primário distribuídos entre a zona urbana e zona rural, como pode-se observar a seguir.

**Tabela 03:** Escolas de Ensino Primário e suas dependências administrativas em Nova Iorque no ano de 1963.

Zona	Estadual	Municipal	Particulares	Total
Zona Urbana	1	3	-----	4
Zona Rural	2	10	4	16

Fonte: Informações gerais do município de Nova Iorque, COHEBE, 1964

Mediante a maior parte da população da cidade encontrar-se na zona rural, observa-se o total de 16 escolas e um total de 83% de alunos matriculados em seus seis distritos: Mangabeiras, Milhões, Mucambinho, São José, Brejo e Porto Seguro (COHEBE, 1964). No entanto, por falta de registros documentais e a não recordação impossibilitou-se saber o nome das escolas correspondente a cada um dos distritos, com exceção do distrito de Porto Seguro onde existia escola Humberto de Campos de dependência administrativa estadual. Nesse sentido, em relação as duas escolas estaduais na zona rural, inferimos que estas se configuravam como escolas reunidas, pois embora não funcionassem em prédios especialmente construídos para este fim (COHEBE, 1964) havia minimamente uma estrutura arquitetônica, como também seguiam o método de ensino simultâneo, bem como a estrutura de seriação de um professor por classe adotado pelo Departamento de Educação do Estado do Maranhão. A esse respeito as escolas reunidas se constituíram como um estabelecimento de ensino intermediário entre escolas isoladas e grupos escolares, pois como o próprio nome sugere, era a união de duas ou mais escolas isoladas, porém com um funcionamento administrativo e pedagógico diferenciado mediante a adoção do método simultâneo “permitindo a organização de classes mais homogêneas, a ação do professor sobre vários alunos simultaneamente, a otimização do tempo escolar, a organização do conteúdo em diversos níveis, dentre outros” (Faria Filho, 2007, p. 142) e não chegava a ser idêntica aos grupos escolares.

Pelo menos três escolas municipais da zona rural configuravam-se como escolas reunidas, porém não seguiam um programa de ensino específico, funcionando em “prédios cedidos pela prefeitura” (COHEBE, 1964, p. 11), e sete se configuravam em escolas isoladas, pois se localizavam a grandes distancias da sede da cidade, e tinham como objetivo ministrar a instrução primária elementar, ou seja, “a necessidade de se generalizar o acesso às primeiras letras, mas também um conjunto de outros conhecimentos e valores necessários à inserção, mesmo que de forma muito desigual, dos pobres à vida social”(Faria Filho, 2007, p. 142).

Além da dificuldade do acesso à escola isolada devido a longas distâncias, podemos citar também a precariedade das instalações dos prédios escolares e falta de materiais didáticos, pois “os equipamentos escolares, cuja deficiência é flagrante, seja no que se refere à edificação, seja nos equipamentos permanentes e de consumo”(COHEBE, 1968, p. 37). Nesse sentido, Souza (2008) aponta sobre a dificuldade de emprego dos métodos modernos de ensino e de cumprimento integral dos programas escolares, dificuldades de provimentos de professores, baixos salários e precárias condições de trabalho.

As escolas particulares funcionavam em salas de casas residenciais e tinham como característica um fazendeiro ou alguém de condições mais elevadas (COHEBE, 1964) pagar um professor para ensinar seus filhos e pessoas da comunidade os rudimentos da escrita, leitura e cálculo, pois

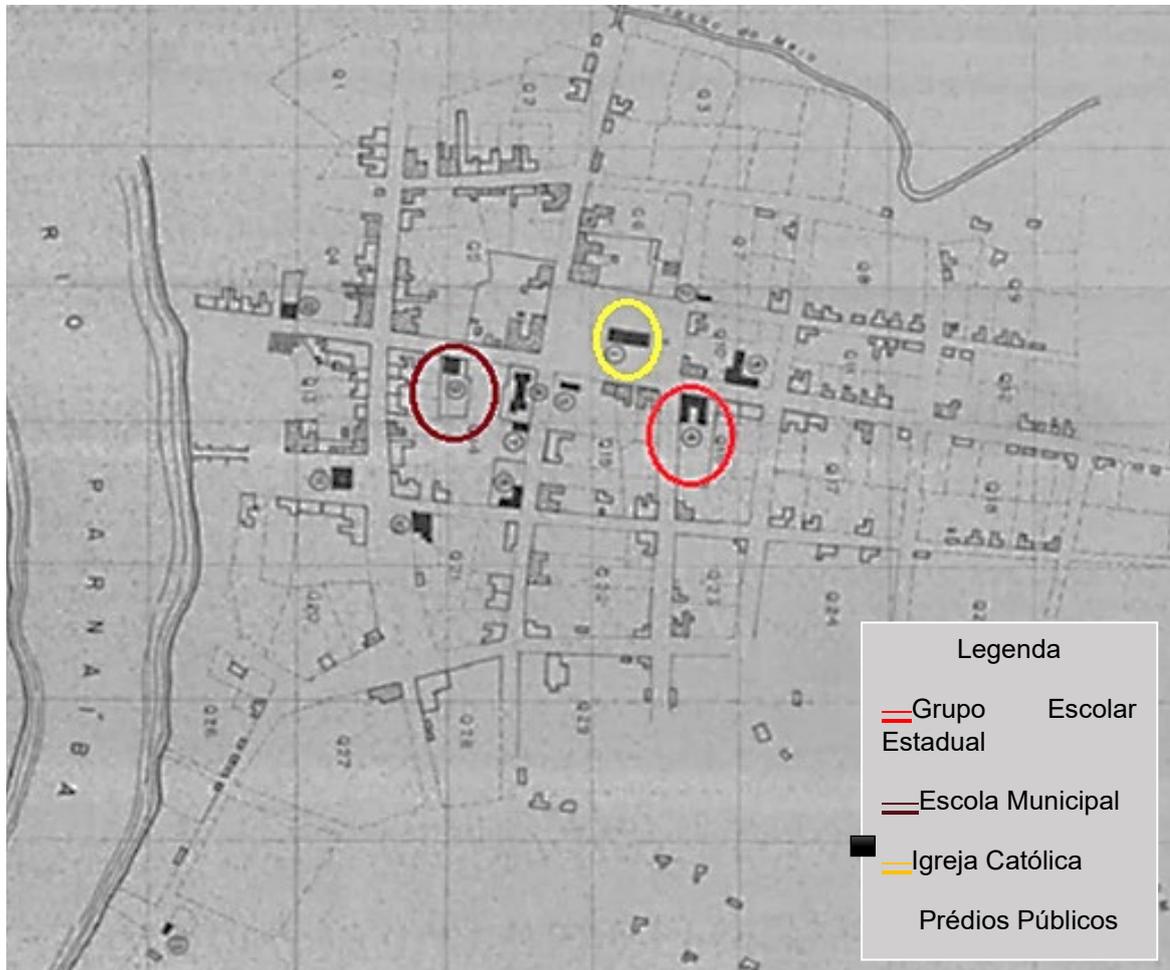
essas escolas às vezes chamadas de particulares outras vezes de domésticas [...] funcionavam em espaços cedidos e organizados pelos pais das crianças e jovens aos quais os professores deveriam ensinar [...] o pagamento do professor é de responsabilidade do chefe de família que o contrata, geralmente, um fazendeiro” (Faria Filho, 2007, p. 145)

Dentro do ideário educacional republicano estas casas escolas foram vistas como ineficazes e impróprias, e foram dando lugar aos modelos de escolas-monumentos ou escolas-palácios, estratégia engendrada pelos republicanos para evidenciar a seriedade dada ao projeto de educação dos novos tempos (Schueler; Magaldi, 2009). De acordo com Saviani (2004) as escolas isoladas predominaram no meio rural por muito tempo e os grupos escolares se constituíram como um fenômeno tipicamente urbano.

Neste sentido, na zona urbana havia em 1966 quatro escolas: Grupo Escolar Estadual Anália Neiva, Escola Municipal Senador Neiva e duas escolas no salão de uma casa em que governo municipal pagava professoras para ensinar aos alunos a ler, escrever e contar. No entanto, ao

desenhar a planta da cidade velha<sup>8</sup>, para fins arquitetônicos, os engenheiros da COHEBE contabilizam apenas as duas primeiras, com isso podemos situar suas localizações.

**Figura 01:** Planta da cidade de Nova Iorque e Localização das Escolas, 1960.



Fonte: Relatório COHEBE, 1967.

Na sede do município tinha 200 construções de prédios entre casas residenciais, comerciais e públicos como: um mercado, uma matadouro, um cemitério, uma cadeia, dois clubes para festas, o Cassino novaiorquino onde o grupo social com maior poder aquisitivo frequentava e o outro União Artística Operaria frequentado pelo grupo social menos abastado, uma Igreja Batista, uma Coletoria Estadual, Posto Médico, uma usina elétrica, a prefeitura e duas escolas de ensino primário sendo o Grupo Escolar Estadual denominado de Grupo Escolar Anália Neiva e a Escola Municipal Senador Neiva.

<sup>8</sup> Termo utilizado pelos entrevistados para designar a cidade que foi inundada.

Observa-se que as Escolas ficavam localizadas em uma avenida transversal da cidade, sendo assim, mantinham-se em lugar de destaque. Entretanto, apenas o Grupo Escolar Estadual Anália Neiva estava no centro da cidade e existia à sua esquerda uma rua paralela, bem como a sua frente localizava-se a Igreja Católica, ou seja, a escola estava estrategicamente localizada, primeiro porque havia mais ruas de acesso; segundo porque os moradores da cidade tinha identidade religiosa de cunho Católica Apostólica Romana e isso pode ter influenciado no quantitativo de matrículas; e terceiro porque o centro é entendido como local de desenvolvimento urbano. Neste sentido Silva (2015) abaliza que grupos escolares no Maranhão começaram a ser institucionalizada na Capital do Estado – São Luís, no centro da cidade, uma vez que este local no imaginário coletivo implicava local de progresso e civilidade.

Assim, a localização das escolas como também seus aspectos educacionais como formação dos professores e feitos arquitetônicos, podem ter influenciado também o número de matrículas e a frequência dos alunos a estes locais, pois frequentar os espaços geográficos postos é um processo segundo Certeau (2007) de apropriação e realização que implica relações entre posições diferenciadas, uma vez que uma ordem espacial organiza um conjunto de possibilidades, inclusive com a invenção de outras formas nos modos de uso e fazeres do cotidiano, pois o caminhante, ou seja, os indivíduos a partir das proibições atualiza e organiza o espaço quando descola-se e dar novos significados e usos ao que lhe são impostos.

Assim, existia outras formas inventadas de se educar, neste sentido, seriam as duas escolas no salão de casas particulares, onde paga-se com recursos municipais professoras para lecionar. Deste modo, assim como as escolas da zona rural de dependência administrativas do poder municipal, as escolas municipais da zona urbana também não seguiam um programa de ensino uniforme, ao contrário Grupo Escolar que seguia o programa de ensino do Departamento de Educação do Estado (COHEBE, 1964).

Nesta direção, na cidade havia 32 professores distribuídos da seguinte forma nas instituições de ensino: 11 em escolas estaduais, 17 em escolas municipais, 4 em escolas particulares. Quanto a formação destas verifica-se: 3 normalistas (2º ciclo), 8 com curso normal regional (1º ciclo), 12 com curso primário completo, 9 com curso primário incompleto (COHEBE, 1964).

Nota-se a 65,6% das professoras à época não tinham formação específica para lecionar, se tratando assim de professoras leigas. Conforme Therrien (1991) a existência dessas professoras no Brasil, especialmente nas regiões Norte e Nordeste é a figura do sistema educacional público que decorre da organização política, econômica e cultural dessas regiões. Desse modo, a contratação dava-se por indicação de políticos e famílias que governavam a cidade ao Departamento Estadual de Educação.

Tal fato é evidenciado na trajetória docente de Socorro<sup>9</sup>, pois ao concluir o ensino primário, foi com “quinze anos ensinar no interior [...] de lá mudei pra Nova Iorque, a Jesus Neiva era prefeita e me trouxe pra cá, me botou na escola a noite”. Essas contratações de professoras passaram a ter ainda o respaldo legal mediante a Lei nº 40.24/1961, que fixou as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, como ver-se no artigo 116 das Disposições Gerais e Transitórias,

Enquanto não houver número o suficiente de professores primários formados pelas Escolas Normais ou pelos Institutos de Educação e sempre que se registre esta falta, a habilitação ao exercício do magistério a título precário até que cesse a falta, será feito por meio de exame de suficiência realizado na Escola Normal ou Instituto de Educação Oficial, para tanto credenciado pelo Conselho Estadual de Educação.

Após a contratação, os proventos recebidos pelas professoras ficavam a cargo da dependência administrativa qual eram lotadas- Estado ou Município. Quanto a este último verifica-se no Relatório de Planejamento de Nova Iorque (COHEBE, 1967) o orçamento para o ano de 1967 a serem aplicados no setor da educação, que estabelece o valor NCR\$ 4.000(quatro mil cruzeiros novos), para as despesas de salário de professores, pessoal administrativo e turmas supletivas.

Mediante o exposto, percebe-se na cidade um cenário onde a educação fica a segundo plano, pois a necessidade dos moradores era com a forma de sobrevivência que dependia da lavoura, assim nota-se contrastes, pois embora a educação escolar não faça parte no início do cotidiano, constata-se uma preocupação com a instrução elementar através das noções de leitura, escrita e matemática pelas quantidades de escolas mapeadas. Havia também dualidades de educação entre da zona urbana e zona rural, principalmente no que diz respeito aos recursos e materiais, uma vez que se acentuava a dificuldade para chegarem às escolas localizadas nos distritos.

---

<sup>9</sup> Professora aposentada da rede Estadual de Ensino, nasceu em 1939, cursou o ensino primário em Nova Iorque(submersa) e foi professora deste grau nesta localidade.

### Considerações finais

Ao realizar uma aproximação aos acervos documentais e a moradores da cidade para traçar a organização do cotidiano da cidade de Nova Iorque e seus aspectos educacionais no período de 1938 a 1968, duas situações sobressaltam, a primeira diz respeito as bases arquitetônicas da cidade que hoje se encontra submersa nas águas do rio Parnaíba, logo os documentos relevam apenas fragmentos de uma realidade que foi vivida, pensada e construída por homens, mulheres e crianças com suas histórias particulares e subjetivas; a segunda situação é que ao adentrar nesse cenário percebo que aos poucos vai-se caindo em vias de esquecimento, primeiro porque a efemeridade da vida nos abate e os mais velhos aos morrerem levam consigo segredos e causos da antiga cidade e segundo pela falta de sistematização de estudos sobre esse lugar existente em suas memórias e lembranças.

Nesse sentido, pôde-se notar em relação aos aspectos educacionais que a escolarização dos indivíduos a princípio não se fazia necessário, uma vez que o processo de socialização independia do modelo escolar de socialização, no entanto, tal realidade começa a ser modificado por volta da década de 1940 onde há o desejo de continuação dos estudos por parte dos moradores da cidade para elevação de status social, porém nem todos conseguiram ascender, uma vez que na antiga Nova Iorque, tanto na zona urbana quanto na zona rural, existia apenas o ensino primário.

A este respeito, tentamos mapear as escolas existentes nesses locais, mas devido à falta e má preservação o acervo documental do município foi possível localizar apenas a quantidade de 16 escolas na década de 1960 na zona rural distribuídas em seis distritos: Mangabeiras, Milhões, Mucambinho, São José, Brejo e Porto Seguro, com exceção desse último, onde a partir da narrativa pudemos saber que se tratava da escola de dependência administrativa estadual Humberto de Campos. Já na zona urbana, foi possível mapear quatro escolas, sendo duas particulares, uma escola de dependência administrativa municipal com o nome de Escola Municipal Senador Neiva e uma escola de dependência administrativa estadual, o Grupo Escolar Anália Neiva, todas com bases arquitetônicas submersas nas águas do rio Parnaíba.

Destarte, o trabalho por ora apresentado, sobre os aspectos educacionais de Nova Iorque vem a contribuir para o campo historiográfico da educação maranhense, visto que, abrange uma região do Maranhão e um período pouco estudado e pesquisado.

## Referências

ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.

BURKE, P. (Org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BROMÉLIA. Entrevista concedida a João Antonio de Sousa Lira. Nova Iorque, 2019

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo Rural, Envelhecimento e Masculinização no Brasil: Panorama dos últimos 50 anos**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Rio de Janeiro, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3.ed- Rio de Janeiro: Forense, 2011.

COMPANHIA HIDRO ELÉTRICA DA BOA ESPERANÇA. **Relatório de Atividades/1963**. Companhia Hidro Elétrica da Boa Esperança – COHEBE: Recife, 1964.

COMPANHIA HIDRO ELÉTRICA DA BOA ESPERANÇA. **Plano de Trabalho da Comissão de Desenvolvimento dos Municípios da Área de Boa Esperança – DEMABE**. Boa Esperança – COHEBE: Recife, 1967.

COMPANHIA HIDRO ELÉTRICA DA BOA ESPERANÇA. **Relatório do Planejamento Físico da Cidade de Nova Iorque**. Companhia Hidro Elétrica da Boa Esperança – COHEBE: Recife, 1968.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (org.) **500 anos de educação no Brasil**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

GIRASSOL. Entrevista concedida a João Antonio de Sousa Lira. Nova Iorque, 2019.

LE GOFF, J. **A História Nova**. Trad. Eduardo Brandão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como fazer**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

MOTTA, Diomar das Graças; MACHADO, Raimunda Nonata da Silva. O Maranhão e a reconstrução educacional (1952 – 1964). In: ARAÚJO, Marta Maria de; BRZEZINSKI, Iria (Org.). **Anísio Teixeira na Direção do Inep: Programa para a Reconstrução da Nação Brasileira (1952-1964)**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Historiografia da Educação e Fontes**. In: GONDRA, José Gonçalves (Org.) **Pesquisa em História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 17-62.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: autêntica, 2012.

PINHEIRO, Vicência Rozilda Gomes. **Entre desejos e Receios: Barragem do Bezerra Entre Memória e Urbanização na cidade de José de Freitas – PI (1992-2002)**. 191 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

SAVIANI, Demerval. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004.

SILVA, Diana Rocha da. **A Institucionalização dos Grupos Escolares no Maranhão (1903-1920)**. São Luís: EDUFMA, 2015.

SCHUELER, Alexandra Frota Martinez de; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello.

**Educação escolar na primeira república: memória, história e perspectivas de pesquisa.**

Tempo, vol. 13, núm. 26, 2009, p. 32-55 Disponível em

:<http://wqww.redalyc.org/articulo.oa?id=167013400003> . Acesso em 26 de março de 2022.

THERRIEN, Jacques. A “professora” leiga e o saber social. In: GARCIA, Walter;

THERRIEN, Jacques; NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. **Professor Leigo:**

**institucionalizar ou erradicar?** São Paulo: Cortez, (Cadernos SENEb 3), 1991.

Recebido em 2022-10-05

Avaliado em 2022-11-01

Corrigido em 2023-05-10

Aprovado em 2023-08-14